



Zona Livre: Produção Universitária no Rádio¹

Cybele SOARES²

Norma MEIRELES³

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

RESUMO

Este artigo enfoca o desenvolvimento do *Programa Zona Livre* como um espaço de vivência prática destinado aos alunos matriculados na disciplina Direção de Programas de Rádio II, do Curso de Comunicação Social, habilitação em Radialismo da Universidade Federal da Paraíba; analisando como as atividades propostas são desenvolvidas pelos alunos e como essas novas experiências são creditadas por eles. O objetivo da pesquisa é registrar o valor da prática e da experimentação possibilitada pelo referido programa.

PALAVRAS-CHAVE: rádio; educação; produção universitária;

1 Rádio; teoria e prática

O rádio é sem dúvidas um poderoso veículo de comunicação, afinal a praticidade e a mobilidade conferida a ele tem resultados imediatos. As ondas sonoras têm um poder quase que mágico chegando a lugares extremos, difundindo informações e distribuindo conteúdos de maneira dinâmica e indiscriminada. Contudo, o rádio apesar de ser um meio extremamente popular não é o mais privilegiado no que diz respeito a área acadêmica, tanto do ponto de vista bibliográfico, quanto do ponto de vista dos estudantes de comunicação, na maioria das vezes encadeados com brilho das imagens.

A televisão pode ser considerada a primeira mídia a interferir na infra-estrutura do rádio, Meditsch (2001) aponta como a principal causa dessa interferência a questão econômica, focando especialmente o fluxo de investimentos relacionados à televisão. À medida que os maiores investimentos são direcionados a televisão, o rádio perde sua soberania, recursos criativos, humanos e econômicos, tornando-se um subordinado da mídia prioritária. Para o autor o meio acadêmico estaria incumbido de proporcionar um melhor uso social do rádio, como também caberia à pesquisa científica gerar alternativas que proporcionassem uma maior autonomia a esse meio. Meditsch ainda

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 7º período do Curso de Comunicação Social com habilitação em Radialismo da UFPB, email: cybelesoares@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da UFPB, email: norma.meireles@gmail.com



arremata dizendo que “a comunidade científica não estaria cumprindo seu papel, uma vez que se reproduz na esfera acadêmica a mesma subordinação observada na esfera profissional”.

O jornalista Laurindo Lalo Leal Filho (apud VAZ FILHO, 2003, p. 97), na apresentação do livro *Produção de rádio* de Robert Mcleish, expressa bem o aprendizado da produção em rádio: "Só quem já fez rádio sabe o prazer que esse trabalho dá. A paixão pelo rádio é uma regra na profissão. E, na maioria das vezes, aprende-se o ofício na prática. Ouvindo os mais velhos, literalmente. Imitando, criando, algumas vezes, fazendo escola". Essa talvez seja a realidade do rádio, da teoria a prática um ofício deixado a mercê da escassez, afinal, se de um lado falta investimento no suporte e no profissional, do outro falta materiais que fomentem e incentivem a construção das alternativas para essa mídia desestimulando assim, a sua produção.

Ensinar rádio não é uma tarefa para a qual se possa contar com o auxílio de extensa bibliografia. A maioria dos livros da área está mais voltada para a história do rádio. Os poucos manuais são importantíssimos, quase todos apontando o estudioso, ou mesmo o profissional, para a prática, mas nem todos promovem uma reflexão da teoria e da ética da profissão. Levando em consideração que no Brasil, entre as mídias, a radiofônica é a que menos remunerada.(VAZ FILHO, 2003, p. 98)

É nessa necessidade de maior participação e reflexão acadêmica que o curso de Comunicação Social, da Universidade Federal da Paraíba - UFPB investe, ao propor aos graduandos uma aliança entre a teoria e prática, como é o caso dos programas *Zona Livre*, *Espaço Experimental* e *Estação Universitária*, além das produções relacionadas ao projeto de extensão *Webrádio Intercampus UFPB*.

2 Produção Universitária no Rádio: as experiências da UFPB.

O exercício de experimentação e de aplicação de conhecimentos é essencial a vida acadêmica. É a partir de atividades práticas que acontecem as transformações no espaço teórico responsáveis pelas novas concepções do mercado profissional. Diante dessa necessidade de fusão do conhecimento teórico e das habilidades técnicas, as instituições que oferecem os cursos de Comunicação Social são condicionadas a fundamentar suas estruturas de maneira que possam proporcionar, nem que minimamente, a vivência prática das teorias. É nessa dinâmica que a UFPB



disponibiliza como laboratório de vivência prática, referentes as disciplinas de Direção de Programas de Rádio II, da habilitação de Radialismo e Laboratório de Radiojornalismo da habilitação de Jornalismo, os programas *Zona Livre* e *Espaço Experimental* respectivamente, além de outras experiências relacionadas a produção radiofônica vivenciadas pelos alunos envolvidos com os projeto de extensão *Webrádio Intercampus UFPB* ou com o *Programa Estação Universitária*.

A produção radiofônica proveniente da Universidade Federal da Paraíba é um rico espaço de estudo, afinal os produtos produzidos pela instituição e veiculados em emissoras de rádio locais não comungam dos mesmos princípios estruturais, cada qual segue um tipo de metodologia específica. O *Zona Livre*, por exemplo, tem uma estrutura livre no qual o aluno pode escolher desde o tema até o formato do programa. Já os *Espaço Experimental* e *Estação Universitária* possuem um formato jornalístico fixo, onde só os temas e abordagens são rotativos. Porém é essa possibilidade de trabalho associada à autonomia criativa que segmenta a vivência prática dos estudantes e fomenta a continua transformação deste espaço acadêmico. Outro aspecto relevante na formulação desse espaço prático é o incentivo as novas concepções a cerca do mercado, já que, a autonomia existente nessas produções promove a conscientização do aluno quanto às restrições econômicas e políticas que normalmente impedem que os veículos comerciais se preocupem com o seu real papel social.

A produção para o rádio, no que diz respeito às experiências da UFPB, tem sido intensa, apesar de dificuldades relativas tanto a própria infraestrutura dos laboratórios da instituição quanto ao interesse dos estudantes pelo meio rádio. Afinal, como já foi dito antes, a vivência televisa é o cargo chefe para muitos estudantes de comunicação. Contudo, é importante salientar que diante da perspectiva do *feedback*, decorrente da veiculação desses programas, e tão caro a valorização do trabalho, os estudantes, acabam por se sentirem atraídos pelo do meio radiofônico e sua praticidade. É o que mostram os gráficos (figuras 1 e 2) construídos a partir de entrevistas com estudantes da graduação em dois momentos, antes e depois de cursarem a disciplina Direção de Programas de Rádio II.

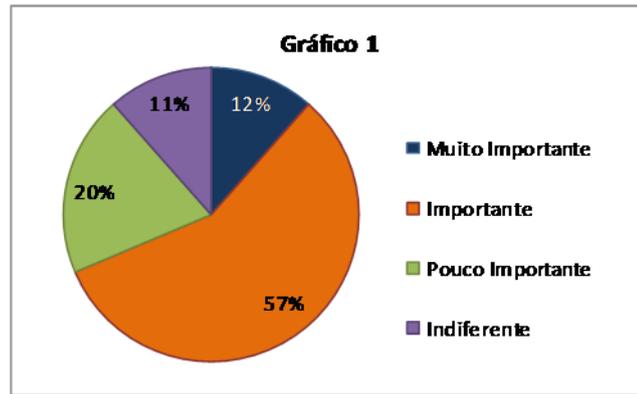


Figura 1: Questionário respondido pelos estudantes antes da prática no Zona Livre

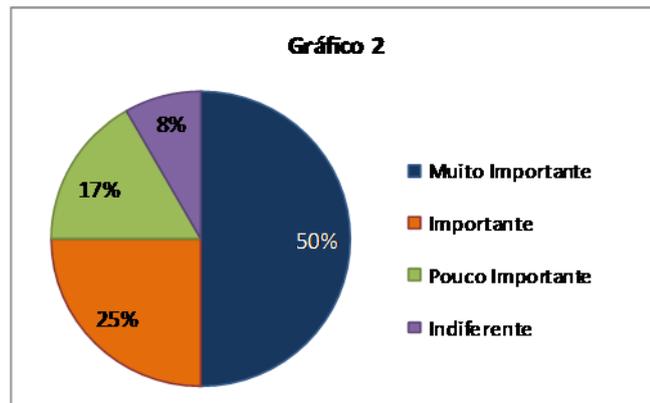


Figura 2: Questionário respondido depois da experiência prática no Zona Livre.

Em geral, é o retorno crítico em relação ao conteúdo que motiva o crescimento e estimula a produção na universidade. A possibilidade de veiculação da produção radiofônica é o que tem incentivando a realização de produtos midiáticos cada vez mais elaborados. Além disso, pode-se se citar entre as vantagens dessa articulação entre teoria e prática, a antecipação do contato com a rotina diária de uma emissora de rádio, e a possibilidade do exercício efetivo da redação, pauta, reportagem, entrevista, edição, locução, produção e direção de programas. Programas que podem passear nos mais diversos gêneros e formatos, propiciados pela liberdade do aluno em planejar novos produtos ao mesmo tempo em que pode se ver avaliado não só pelo professor, mas por aquele que será para sempre o seu termômetro: o público.

A produção radiofônica da UFPB caracteriza-se pela possibilidade de aquisição de segurança e experiência, galgada no exercício contínuo da criatividade e discernimento crítico, permitindo assim que os estudantes sedimentem sua vivência prática quanto graduandos em “princípios basilares da profissão, como o respeito à veracidade das informações, aos princípios de igualdade social, ao pluralismo político,



religioso, social, cultural e lingüístico, e a defesa e promoção dos valores e direitos da cidadania” (SPENTHOF, 2005, p.10).

O programa *Espaço Experimental* realizado por alunos do sexto período da habilitação de Jornalismo, propõe a vivência prática aos alunos da cadeira de radiojornalismo através da produção de programas gravados, pautados, produzidos e editados nos domínios do Departamento de Comunicação da UFPB, sendo estas produções veiculadas na Rádio Tabajara AM entre as 9h e às 10h da manhã dos sábados. Já o programa *Estação Universitária* é fruto de uma parceria entre a UFPB e o Sistema Correio de Comunicação, afiliado a Central Brasileira de Notícias, a CBN, em João Pessoa. O programa tem por proposta difundir notícias do universo acadêmico, como pesquisas, eventos e serviços voltados à comunidade paraibana para todo o estado. O *Estação Universitária* é um programa gravado e produzido no estúdio de radio do Departamento de Comunicação da UFPB com participação de alunos de períodos aleatórios, visto que não está associado a nenhuma cadeira obrigatória. O programa é veiculado nas manhãs de sábado na Rádio CBN de João Pessoa (SOUTO; VILAR, 2010).

Quanto à produção radiofônica destinada ao projeto de extensão *Webrádio Intercampus UFPB*, pode-se dizer que se trata de um estímulo aos alunos dos primeiros períodos, findados as cadeiras mais teóricas, afinal a *Webrádio Intercampus* é um espaço construído para a vivência de novas possibilidades dentro do mercado da comunicação, mais especificamente da radiofonia, além de ter por intuito fomentar desde o início o interesse dos alunos tanto pela pesquisa quanto pela prática (SOARES; COSTA; MEIRELES, 2009).

Contudo, é o programa *Zona Livre* que sintetiza minuciosamente todas essas vivências proporcionadas pelo exercício prático do conhecimento teórico. Afinal este é o único a submeter o aluno à dicotômica sensação da apresentação de programas ao vivo, visto que todos os outros são gravados. Além de se destacar por conceder a possibilidade de iniciação à docência com o exercício ativo da monitoria.

3 O Programa Zona Livre.

O programa *Zona Livre*, veiculado na Rádio Tabajara AM, é uma produção dos alunos do sexto período do Curso de Comunicação Social, habilitação em Radialismo, sendo uma atividade da disciplina Direção de Programas de Rádio II e um projeto de



monitoria, intitulado *Zona Livre – Programa Radiofônico Semanal do Curso de Rádio e TV da UFPB* (NORONHA; MEIRELES, 2009).

O *Zona Livre*, quanto prática laboratorial, foi viabilizado exatamente por representar uma possibilidade de experimentação para os estudantes e para estimular a inserção de novos conteúdos e formatos dentro da perspectiva da própria disciplina. Nessa experimentação, os estudantes aprendem na prática, diversas especificidades do processo midiático vistos até então, somente na teoria. Como por exemplo, a elaboração de texto para o rádio e técnicas de locução.

Durante a vivência proporcionada pelo *Zona Livre*, os estudantes desenvolvem as atividades exercidas no mercado de trabalho e aprendem a dominar performances que tornam mais eficaz o processo de interação com os ouvintes, seguindo os preceitos de Zumthor (2000, apud FRAGA, 2008), que associa a performance às condições de expressão e da percepção. Outras questões também são observadas pelos estudantes durante a concepção de seus programas, desde a escolha dos temas abordados à metodologia da execução do programa, como por exemplo, a constante preocupação com os procedimentos práticos envolvidos nesse processo, afinal é a partir deste contato com a realidade da prática de mercado que o elo entre estudante e profissional se torna evidente (FRAGA, 2008).

Os programas produzidos para o *Zona Livre* seguem alguns padrões de conduta pré-estabelecidos pela orientadora da disciplina, na atual configuração a professora Norma Meireles, auxiliada pelos monitores da cadeira, atualmente as alunas Cybele Soares e Ingrid Feijó, ambas estudantes do sétimo período da habilitação de Radialismo. Estes padrões se refletem na questão estrutural da produção, no que diz respeito à divisão dos grupos e estabelecimento de tarefas, além da definição prévia da demanda de programas ao vivos e gravados que cada grupo deverá cumprir.

3.1 Divisão de Tarefas

Os programas produzidos são feitos em grupo, divididos entre a própria turma da disciplina Direção de Programas de Rádio II. Na maioria das vezes formam-se grupos de até 5 pessoas, para que assim todos possam vivenciar ativamente as etapas da produção radiofônica. Todos os programas são realizados a partir da definição de um tema e da divisão de funções, obedecendo o rodízio pré-estabelecido, onde cada qual



deve cumprir a função determinada para aquele programa – apresentação, produção, reportagem ou edição.

Em seguida a produção começa, nessa fase são discutidas as pautas, são definidas e realizadas as reportagens de campo, são escolhidas as músicas e o roteiro é confeccionado. Todo esse processo é acompanhado de perto pela professora responsável e pela monitoria, que supervisionam o andamento dos trabalhos e verificam a conduta dos estudantes em relação à produção individual, afinal o desenvolvimento dessas tarefas nem sempre é tão fácil quanto parece.

A partir do momento em que a função do estudante é estabelecida cabe a ele atuar da melhor forma possível, fazendo uso de toda técnica aprendida na teoria. Contudo, se por um lado há manuais que dão dicas sobre como o apresentador ou o repórter deve agir, não há manuais que ensinem o produtor a ter jogo de cintura ao resolver as pendências típicas da produção, como por exemplo, atrasos ou desistências de convidados. É nesse sentido que funciona o rodízio de funções, cuidando para que todos possam passar por experiências ímpares dentro de cada tarefa.

3.2 Escolha dos Temas

Assim como na divisão das tarefas, os grupos formados têm a oportunidade de escolha dos temas, no entanto fica instituído que cada grupo deve produzir três programas ao vivo e dois programas gravados, passeando pelos gêneros e formatos radiofônicos estudados nas cadeiras anteriores, com a necessidade de inclusão de documentário e dramaturgia radiofônica. Diante de toda esta autonomia, os graduandos investem em temas ousados, freqüentemente optando por temas que estão fora da pauta das emissoras comerciais.

Nos dois últimos períodos, 2009.2 e 2010.1 os temas discutidos giraram em órbitas completamente distintas, como por exemplo, o programa *Sexualidade*, transmitido no dia 19/12/2009 que trouxe para o estúdio uma sexóloga e uma ginecologista para discutir sobre sexo, juventude e psicologia, e o programa *Catástrofes Naturais*, transmitido no dia 15/05/2010, que trouxe ao ar um debate sobre os acontecimentos naturais e os efeitos sobre a humanidade por diferentes óticas.

Temas de cunho social e culturais também costumam ser explorados pelos estudantes de comunicação. Entre esses podemos citar a peça radiofônica *Ariano Suassuna* produzida pela turma 2009.2 e o bem desenvolvido trabalho sobre *Dengue*,



produzido pela turma 2010.1 e veiculado em 24/04/2010, com diversas participações ao vivo e esclarecimentos a comunidade. Para Kempf (2003, p. 63 apud DEUS, 2003) a [...] liberdade de experimentar novos formatos, de inovar quanto ao conteúdo da programação, beneficia a formação de uma rádio diferente das comerciais e, ao mesmo tempo, desenvolve nos estudantes, conhecimento e criatividade para a realização da futura atividade profissional.

3.3 Gêneros e Formatos

Para cursar e desenvolver as atividades da disciplina de Direção de Programas de Rádio II, cadeira obrigatória da grade da habilitação de Radialismo, o aluno precisa ter passado pelas disciplinas Sonoplastia e Direção de Programas de Rádio I, além de Roteiro I, específica para a produção de roteiros para rádio. Essas cadeiras propõem aos acadêmicos um contato teórico com a produção radiofônica, pondo-os à par dos diversos gêneros e formatos em que pode ser empreendida essa produção.

Com auxílio de textos e livros, lidos desde as disciplinas anteriores e da própria disciplina, os alunos responsáveis pela produção do *Programa Zona Livre* escolhem os gêneros e formatos que irão adotar para execução de suas pautas. Essa escolha ocorre na mesma dinâmica que as outras, autonomicamente, entretanto pode-se dizer que os gêneros mais executados são os gêneros educativo e de variedades, incluindo aí as mesas redondas e os de cunho jornalístico. Ferrareto (2007, p. 63) afirma que o gênero educativo cultural é um “formato adotado pelas emissoras não-comerciais, voltadas a uma programação que pretende formar o ouvinte, ampliando seus horizontes educativos e culturais”. Já no que diz respeito aos programas de variedades diz que esse gênero “reúne aspectos informativos e de entretenimento. [...] pode aparecer na forma de espaços voltados a cultura e lazer, intercalados, algumas vezes, com orientações nas áreas de Medicina ou de Direito (FERRARETO, 2007, p. 57).

Independentemente do formato e do gênero adotado os alunos devem ter em vista a estrutura padrão do *Programa Zona Livre*, uma vez que este se divide em dois tipos; os ao vivo e os gravados, onde um obedece à duração de 60 minutos e o outro varia entre 30 ou 60 minutos dependendo da proposta.



3.4 Ao vivo e Gravados

A vivência prática proporcionada pelo *Zona Livre* abarca dois tipos de experiências de produção; programas ao vivo e programas gravados. Antes de ser iniciada a produção dos programas fica definido que dos cinco programas realizados dois serão gravados, e três ao vivo, cabendo ao grupo definir os temas e os formatos que modelarão tais produtos.

Os programas ao vivo ocorrem dentro de um intervalo de aproximadamente um mês, durante esse período o grupo, já sistematizado em relação as funções que cada qual desenvolverá, organiza a produção do programa no Laboratório de Informática (Chip III) do Departamento de Comunicação Social da UFPB, onde ocorrem as aulas. Durante o horário da aula os “alunos-produtores” têm sanadas suas dúvidas em relação aos procedimentos técnicos, como por exemplo, a produção do roteiro e a edição de áudios pela professora responsável e pelos respectivos monitores.

Entre o mês que separa um programa ao vivo do outro, são produzidos também os programas gravados, cujos dias de gravação no estúdio de rádio do Departamento de Comunicação já estão previamente agendados. O cuidado empregado nos programas gravados é o mesmo dos ao vivo, incluindo aí, pesquisas, reportagens, convidados e roteiro. Nos dias em que a gravação é realizada parte da equipe adianta a edição dos materiais gravados externamente com o auxílio dos monitores.

No entanto, para os alunos⁴, é nos dias de programa ao vivo que a experiência prática torna-se mais válida, afinal, é diante da tensão imposta pelo letreiro luminoso onde se lêem as palavras “no ar”, dentro do estúdio da Rádio Tabajara AM que os estudantes põem à prova todo conhecimento adquirido.

4 Monitoria

Enquanto projeto de monitoria, o *Zona Livre* promove o incentivo a docência de modo diferenciado, transitando na academia e com grande aproximação ao mercado de trabalho. A atividade da monitoria é um reflexo das possibilidades de experimentação vivenciada ao longo da disciplina, podendo ser vista como o arremate perfeito desta vivência.

⁴ De acordo com questionários respondidos no início da disciplina de Direção de Programas de Rádio II e na conclusão da mesma.



O trabalho realizado pela monitoria conquistou na união de três elementos fundamentais; teoria, prática e pesquisa. Aspectos importantes tanto para a experimentação do aluno quanto profissional do mercado, quanto profissional da docência. Para os estudantes que exercem a monitoria a experiência vai além do conteúdo adquirido. Para Ingrid Feijó, que exerce a monitoria desde 2010.1,

A monitoria é um processo de aprendizado mútuo. A gente antes de ser monitor é também aluno do curso, e já passou por todas as experiências que o grupo irá passar. Eu, como monitora ajudo com a experiência que tive e aprendo com a experiência que eles terão, afinal por mais parecidas que sejam as situações o desfecho sempre é diferente.⁵

As tarefas realizadas pela monitoria são as de auxílio à produção dos alunos, observando essa produção detalhadamente, desde a concepção, até concretização das idéias. O monitor serve como uma ponte entre os alunos e a professora responsável, estando também em seu campo de atuação a avaliação do grupo, levando em consideração o trabalho individual de cada integrante.

Além de estarem presentes nos horários das aulas ajudando na composição das produções, os monitores são responsáveis pela observação dos programas, tanto os ao vivo, quanto os gravados. No caso dos gravados o monitoramento é realizado no Estúdio de Rádio do Departamento de Comunicação e dos ao vivo nas manhãs de sábado na Rádio Tabajara AM.

Outro aspecto importante que deve ser observado é a questão da pesquisa dentro da monitoria. Ao monitor cabe também a tarefa de construir caminhos e soluções alternativas que facilitem o trabalho dos grupos que coordena, além de contribuir com o desenvolvimento de trabalhos que visem à atualização das teorias. Assim, diante desse fluxo de atividades previstas para a monitoria é que a UFPB, quanto instituição de ensino colabora com a formação de profissionais cada vez mais preparados, e por que não dizer incentivados a contribuir com a academia voltando-se a docência.

5 Avaliação; nota e experiência.

Não há dúvida que uma característica importante do aprendizado é o exercício prático constante e sistemático, onde as especificidades da profissão podem ser testadas

⁵ Em entrevista as autoras.



e adquiridas. Porém, diante de um curso, no qual o estudante é submetido a diversas disciplinas em um mesmo período, existe uma dificuldade no que diz respeito à dedicação exclusiva dos alunos às suas produções para além da sala de aula. É nessa dificuldade que a disciplina Direção de Programas de Rádio II encontra seu apoio, afinal, dentro de uma visão positiva, há aí uma superação de limites. Isso porque, para uma disciplina que divide espaço e tempo na grade curricular com outras tantas necessárias a uma boa formação, obter o nível de dedicação que ela exige é notável. Já que para o aluno, conciliar essa dedicação especial à sua rotina curricular representa um obstáculo considerável (SPENTHOF, 2005).

Para os alunos de Comunicação Social com habilitação em Radialismo, esta é uma das disciplinas mais importantes, já que as experiências práticas durante a graduação são muito resumidas. De acordo com os questionários da pesquisa realizada no período atual - 2010.1, cerca de 80% dos alunos indicam a vivência da disciplina como de extrema importância para o desenvolvimento profissional, havendo unanimidade quando se expõe a importância da prática nos programas ao vivo.

Para a cerca de 60% dos alunos o *Programa Zona Livre* é uma prova de quanto a produção radiofônica exige tempo e dedicação, sendo muitas vezes um “elemento surpresa” para os amantes da televisão que não creditam ao rádio o merecido valor. Essa distinção vivenciada na habilitação de radialismo é encontrada em muitos relatórios individuais como uma das grandes dificuldades na produção dos programas. A aluna Natália Melo, do sexto período, afirma que:

O que muito acaba por atrapalhar o melhor andamento da disciplina é essa pluralidade da habilitação em ter rádio e tv juntos, muitos os que cursam as disciplinas de rádio acabam por pouco fazerem dessas disciplinas por não se identificarem com a área [...]

Para muitos alunos, a importância dada à área de rádio no curso gira entre importante e muito importante, conforme o gráfico da figura 2, sendo o *Zona Livre* uma área de experimentação complementar a este julgamento. Entre os pontos positivos mais citados em relação à produção da disciplina está o exercício efetivo do que é proposto pelo mercado de trabalho. Para Ramom Nascimento, aluno da disciplina, a possibilidade de “colocar o aluno diante de situações que só o mercado de trabalho pode oferecer, ou seja, colocar o aluno, ao vivo, num programa de rádio para que ele possa mostrar o que aprendeu e o que ele mesmo pode desenvolver” é o maior diferencial oferecido pela disciplina.



É na atividade experimental desenvolvida na Rádio Tabajara AM que os estudantes ultrapassam os estreitos espaços entre o aluno e o profissional. Aprendendo na prática que as dicas dos manuais são válidas, que “no rádio não existem espaços em branco, frases recheadas e que a mensagem radiofônica é fruto de um excelente conhecimento da língua, da agilidade na interpretação do fato e no rigor da pesquisa” (DEUS, 2003, p 315). Acabam por dividir com a sociedade o seu trabalho e a sua avaliação, já que os programas realizados para o *Zona Livre* compõem a nota dos alunos matriculados na disciplina Direção de Programas de Rádio II.

A monitoria tem um papel fundamental na avaliação qualitativa e quantitativa de cada programa, pois as notas são discutidas com a professora da disciplina observando-se toda a dinâmica de produção e veiculação, vistas pelas óticas das equipes e de cada indivíduo, levando em consideração a atuação dos estudantes nas diversas tarefas desenvolvidas.

6 Conclusão

Construir elos entre o conhecimento teórico e a prática é uma missão que a universidade enquanto espaço de aprendizagem deve proporcionar ao alunado. Por essa razão a proposta do *Programa Zona Livre* desdobra-se não só no caráter de desenvolvimento dos conceitos adquiridos em sala de aula, mas também se volta a necessidade de propiciar aos estudantes de Comunicação Social uma experimentação da prática cotidiana da profissão. Por meio das atividades laboratoriais, o *Zona Livre* autoriza uma dinâmica real da produção radiofônica, desde a elaboração da pauta até a veiculação dos programas em uma rádio de grande credibilidade.

Além da função laboratorial, o *Zona Livre* é um canal de perspectivas esclarecedoras dos problemas sociais e das contradições políticas e econômicas, procurando desta forma acentuar o caráter social e transformador do rádio como um veículo de comunicação extremamente popular. Ainda dentro desta perspectiva a produção empregada no *Zona Livre* contribui na visibilidade das diferentes formas de expressão artístico-culturais remanescentes do dever do rádio como representante da multiplicidade de idéias.

O *Programa Zona Livre* tanto como disciplina, com projeto de monitoria prepara profissionais diferenciados, capazes de ampliar a interação de idéias políticas e sociais, aptos a lidar com a pluralidade e capazes de executar um serviço voltado ao interesse



educativo e cultural da sociedade. Afinal, é diante dessa experimentação proposta pela academia que os alunos passam a desenvolver criativamente e criticamente as soluções para a escassez produtiva vivida pelo meio radiofônico.

7 Referências

DEUS, S. Rádios Universitárias Públicas: Compromisso com a Sociedade e com a Informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 327-338, jul./dez. 2003. Disponível em <http://www6.ufrgs.br/emquestao/pdf_2003_v9_n2/EmQuestaoV9_N2_2003_art06.pdf>. Acesso em: 26 jun 2010.

FERRARETO, Luiz Antônio. **Rádio**: o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Dora Luzzato, 2007.

FRAGA, K. Espaço Universitário: Uma Sintonia com a Produção Acadêmica. **ANAIS Fórum Nacional de Professores de Jornalismo - 11º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo**, 2008. Disponível em <<http://www.fnpj.org.br/soac/ocs/viewpaper.php?id=307&cf=12>>. Acesso em: 26 jun 2010

MCLEISH, R. **Produção de Rádio**; Um Guia Abrangente de Produção Radiofônica. São Paulo: Summus, 2001.

MEDITSCH, E. **O Rádio na Era da Informação**: Teoria e Técnica do Novo Radiojornalismo. Florianópolis: Insular, Ed. da UFSC, 2001.

NORONHA, K.; MEIRELES, N. Programa Zona Livre: um Espaço Laboratorial. **ANAIS Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2009. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1641-1.pdf>>. Acesso em: 26 jun 2010

SOARES, C.; COSTA, T.; MEIRELES, N. Web Rádio Intercampus UFPB e um Novo Rumo das Práticas Acadêmicas. **ANAIS Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1786-1.pdf>>. Acesso em: 26 jun 2010

SOUTO, I. S.; VILAR, L.S.O. Estação Universitária: Produção Acadêmica na Central Brasileira de Notícias. **ANAIS Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XVII Prêmio Expocom 2010 – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação**. CD

SPENTHOF, E. L. A Experiência Laboratorial na Rádio Universitária da UFG e o Debate sobre o Aperfeiçoamento Pedagógico dos Cursos de Jornalismo. 8º Fórum Nacional de Professores de



Jornalismo, 2005. Disponível em <<http://www.fnpi.org.br/downloads/edson%28radio%292005.pdf>>. Acesso em: 26 jun 2010

VAZ FILHO, P. S. Produção em Rádio. **Comunicação & Educação**, São Paulo, (26): 93 a 100, jan./abr. 2003. Disponível em: <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/ced/n26/v9n26a10.pdf>>. Acesso em: 26 jun 2010

VELHO, A. P. M. **Rádio Cesumar: Espaço Laboratorial para o Radiojornalismo**, 2009. Disponível em <<http://www.bocc.uff.br/pag/bocc-velho-pojecto.pdf>>. Acesso em: 26 jun 2010.